



EccoS Revista Científica

ISSN: 1517-1949

eccos@uninove.br

Universidade Nove de Julho

Brasil

Carapeto Ferreira, Naura Syria

A GESTÃO DO CONHECIMENTO NO CONTEXTO HODIERNO: DO "PRODUTIVISMO" À  
HUMANIZAÇÃO DA FORMAÇÃO

EccoS Revista Científica, vol. 11, núm. 2, julio-diciembre, 2009, pp. 529-548

Universidade Nove de Julho

São Paulo, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=71512786012>

- ▶ Como citar este artigo
- ▶ Número completo
- ▶ Mais artigos
- ▶ Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe , Espanha e Portugal  
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

# **A GESTÃO DO CONHECIMENTO NO CONTEXTO HODIERNO: DO “PRODUTIVISMO” À HUMANIZAÇÃO DA FORMAÇÃO**

**Naura Syria Carapeto Ferreira**

Doutorado em Educação pela  
Pontifícia Universidade Católica  
de São Paulo, Brasil.  
Professor Titular da  
Universidade Tuiuti do Paraná.

Este trabalho analisa a gestão do conhecimento, sua compreensão na perspectiva empresarial e suas consequências salientando e importância da compreensão de gestão do conhecimento na perspectiva educacional e democrática comprometida com a promoção humana. Salienta a importância da pesquisa educacional comprometida com a formação de seres humanos fortes intelectualmente, ajustados emocionalmente, capazes tecnicamente e ricos de caráter, quer na pós-graduação em educação stricto sensu, quer outro grau de escolaridade sempre, comprometido com a formação científica dos educandos. O conhecimento regulado pelo capital tem conduzindo a sociedade mundial e a humanidade, produzindo a divisão do mundo em dois mundos, polarizando-os no mundo dos possuidores e no mundo dos possuídos. Evidencia, por isso, a necessidade da produção de um conhecimento emancipador que alicerce a construção de uma outra ética que não a ética liberal, rumo à construção de uma sociedade não discricionária, justa e igualitária. Nesse sentido e com esse compromisso surge a necessidade da gestão do conhecimento que, dialeticamente, pode gerir e gestar a produção do conhecimento a partir de compromissos democráticos que são solidários.

**PALAVRAS-CHAVE:** Gestão do conhecimento. Humanização. Formação. Pesquisa educacional

*EcoS – Rev. Cient.*, São Paulo, v. 11, n. 2, p. 529-548, jul./dez. 2009.

## 1 Introdução

Vivemos, na contemporaneidade, a mercantilização da vida e das relações. A humanidade está infiltrada pelo “espírito” do individualismo que corroe mentes e corações. Na sociedade e na mídia o exercício da solidariedade é dinamitado do topo à base. Nas telenovelas, tão apreciadas nos países americanos e europeus, nas seções de aconselhamento pessoal de revistas de moda ou nos programas de entrevistas ao vivo, os temas preferidos são as disputas entre os “sexos e as gerações” ou as receitas de como subir na vida e aparecer na mídia. A tagarelice mundana, ociosa e desprovida de imaginação foi promovida a ideal de vida liberal, moderno e com cara de “revolução de costumes”. À primeira vista, tais fatos são considerados epifenômenos de causas maiores e mais profundas. Ledo engano! Esta trivialidade é a matéria prima das aspirações e comportamentos que vão repercutir intensamente na omissão com que enfrentamos nossos graves problemas humanos e sociais. É a trivialidade de uma vida “distraída” e “dispersa” das questões centrais da existência humana (FERREIRA, 2003).

Neste contexto e refletindo sobre a forma pela qual, hodiernamente, produzimos as nossas existências, como pessoas e como profissionais da educação, tenho me surpreendido perplexa, em verificar que no “corre-corre” diuturno dessa “produção” da existência humana, o “produto” tem redundado, prioritariamente, em “desesperança”, “estresse”, “insatisfação”, “frustração”, “decepção”, e tantos outros sentimentos negativos causadores de insanidades de toda ordem nos indivíduos e nas relações humanas. Nas escolas e, principalmente, na academia, esta “corrida” avassaladora cada vez se faz mais intensa, “produzindo” atropelos humanos, formação “aligeirada”, desumanização.

Contradicoratoriamente, percebo-me, muitas vezes, também, atônita a “correr” atrás das informações e de produções científicas, tecnológicas, informatizadas que veiculam na “aldeia global” em que se tornou o pla-

E  
C  
C  
O  
S  
—  
R  
E  
V  
I  
S  
T  
A  
C  
I  
E  
N  
T  
Í  
F  
I  
C  
A

neta no afã de mais condições de atender e “produzir” as demandas sociais de toda ordem que se impõem à minha existência. Surpreendo-me, ainda, querendo compreender, interpretar tudo o que se passa em meu entorno, na complexa “trama” das relações sociais, sem o menor espaço de tempo para processar esta compreensão e a avalanche das informações, dos discursos, das imagens, dos pacotes cinematográficos, dos sentidos e significados e do virtual que se tornou real, bombardeando mentes e corações, que torna as coisas, os objetos, os acontecimentos e as pessoas “in-significantes”

Paradoxalmente, esta “produção da existência” revela o conflito e a contradição do desejo da possibilidade de ser e a constatação da impossibilidade como realidade. Paradoxalmente esta “produção da existência” em busca da felicidade, da realização, no mundo hodierno, produz a alienação, acirra a competitividade e o individualismo<sup>1</sup> gerando a infelicidade.

O desenvolvimento da ciência, da cultura, da tecnologia produziu, contraditoriamente, um “mundo fascinante” e de reduzida possibilidade de acesso a todas as pessoas, onde as coisas passaram a se sobrepor sobre o verdadeiro significado da vida humana. Todos querem ter mais, aksesar mais, viajar mais, “conhecer” mais sem conseguir e tampouco “administrar” as suas vidas, a produção das suas existências. A abundância de informações, de sentidos e significados “tumultua” mentes e corações, de tal modo, que as pessoas vivem e correm sem mesmo pensar sobre o quê priorizar e o quê, realmente, querem para suas vidas. As prioridades que norteiam as políticas públicas mundiais, nacionais e locais privilegiam o capital secundarizando a vida humana, fazendo-nos constatar que este rumo, por ser violento, exclusivo e excludente não conduz os homens a produzirem as suas existências de forma salutar para si e para toda a humanidade. Muito ao contrário, conduz à barbárie já instalada.

A  
R  
T  
I  
G  
O  
S

<sup>1</sup> Germe do egoísmo, o individualismo representa a existência individual sem restrições e orientada apenas pelo livre arbítrio pessoal e por considerações voltadas exclusivamente para o próprio interesse (Schaff, 1990). É a categoria básica da ideologia liberal. Todas as demais categorias, bem como suas relações e contradições, se constituem a partir da persistência e do profundo enraizamento desse elemento.

<sup>2</sup> Art. 2º da Lei 9.394/96 que estabelece as diretrizes e Bases da Educação.

<sup>3</sup> *Diálogo* é entendido como “o reconhecimento da infinita diversidade do real que se desdobra numa disposição generosa de cada pessoa para tentar incorporar ao movimento do pensamento algo da inesgotável experiência da consciência dos outros” (FERREIRA, 2003, p. 138).

<sup>4</sup> Bilac. O. Citação do Soneto *Inania verba*. (1977, p. 141)

<sup>5</sup> O termo “produção” não possui, aqui neste texto, a conotação decorrente da produtividade economicista, mas de construção, de criação, de crescimento. Produção (do latim, *productione*) quer dizer ato ou efeito de produzir, criar, gerar, elaborar. Contém os elementos constitutivos da realização através da criação, da geração e da elaboração, entendida a partir de finalidades de intenções que possibilitem a realização humana. Possui o sentido e o significado de “criar”, produzir a sua existência a partir de condições existentes na relação com o seu meio. Decorre da concepção da Teoria da Cultura, tal como a explicita Álvaro Vieira Pinto em sua obra *Ciência e Existência* (1979). “A cultura é um produto do existir do homem, resulta da vida concreta no mundo em que habita e das condições, principalmente sociais, em que é obrigado a passar a sua existência. Ao produzir a cultura o homem ao mesmo tempo se produz a si próprio em forma de cons-

Em nossas instituições, que possuem o compromisso formal e social de “preparar para a cidadania e a qualificação para o trabalho”<sup>2</sup>, também se processa uma “produção da existência” em ritmo aligeirado e desumano. “Trabalhamos juntos”, todos sem, nem sempre ou quase nunca, “produzirmos juntos” as condições de existência mais qualificada para todos. “Trabalhamos juntos” sem exercer sequer o diálogo<sup>3</sup>, condição mais importante nas relações sociais e exclusivas do ser humano. São muitas as realidades, idéias, conceitos e fantasias que transbordam do arsenal de palavras com o que se formularam as narrativas conhecidas. São muitas as situações nas quais “a palavra pesada abafa a idéia leve”<sup>4</sup> (BILAC, 1977, p. 141)

Nesta realidade, com toda complexidade e contradições do mundo globalizado, o que fazer? Como criarmos condições para produzirmos as nossas existências, coletivamente, com respeito, dignidade, felicidade e realização humana? Como ensinar aos alunos a “produção da vida humana” nestas condições? Como podemos produzir nossas existências, com alguma “segurança” de estarmos construindo um outro mundo mais justo e igualitário, mais compreensivo e solidário? O que se impõe para a educação, para as políticas públicas e para a gestão da educação no sentido da superação deste desconforto e desta gama de sentimentos e de “vida” insatisfeita que existe de forma generalizada em todos os povos e nações e no mais íntimo dos corações? O que fazer para “dominar” a violência de toda ordem a fim de superá-la por um outro mundo mais humano, onde o ódio seja substituído pelo amor e pela fraternidade? O que fazer?

Tal constatação tem me conduzido a uma série de questionamentos e reflexões sobre o que vem a ser uma “produção da existência” sadia e, realmente, produtiva<sup>5</sup>, nas condições e demandas hodiernas, onde a abundância de informação, de culturas, de ofertas para consumo, de objetos descartáveis, de tecnologias competitivas e substitutivas, produziu a violência em todos os sentidos, não só de ritmo, mas nas relações caracterizando o que se define como “barbárie”<sup>6</sup>.

E  
C  
C  
O  
S  
  
—  
R  
E  
V  
I  
S  
T  
A  
  
C  
I  
E  
N  
T  
Í  
F  
I  
C  
A

Mattei(2002, p. 13) ao contrapor, em sua secundariedade, a barbárie à civilização, à qual está estreitamente ligada com o sua face negativa, explicita que

o efeito da barbárie caracteriza toda a forma de esterilidade humana e de perda do sentido no campo da cultura, quer se trate de ética, de política, de arte, quer de educação. Para que haja barbárie, é preciso haver uma civilização anterior em que o bárbaro, como Alarico e seus visigodos quando do saque a Roma, vai abater, pilhar e destruir. Se o selvagem não teve tempo de criar obras duráveis de civilização pelo trabalho sobre si mesmo, o bárbaro procura arruinar esse mundo estrangeiro que o provoca e fascina, mas que ao mesmo tempo lhe devolve o reflexo de sua impotência a encontrar-lhe o sentido.

Esta reflexão “Se o selvagem não teve tempo de criar obras duráveis de civilização pelo trabalho sobre si mesmo”, revela como o bárbaro procura arruinar esse mundo estrangeiro “que o provoca e fascina, mas que ao mesmo tempo lhe devolve o reflexo de sua impotência a encontrar-lhe o sentido” – alerta para se pensar na dimensão macro do mundo e na dimensão micro, nas instituições, nas relações mais próximas, em que esta barbárie fomenta o individualismo avassalador e, sempre, destruidor, entrópico! A barbárie, infelizmente, está instalada em todas as dimensões da vida humana. Sem dúvida, à contraposição da barbárie se coloca como necessidade de construção de uma nova cultura, uma nova civilização pautada na fraternidade e na solidariedade que fundamente e possibilite um mundo verdadeiramente humano e a realização humana. O caminho é a educação, a produção e transmissão de conhecimentos – a revolução intelectual e moral de que nos fala Gramsci – que superem o existente para que se possa criar uma nova sociedade mais justa e humana constituída de homens fortes

tituição de um modo social de convivência. À medida em que o homem, em curso de se auto-realizar, se apropria da natureza, colhendo experiências novas e atuando com respostas originais, aos desafios do ambiente, vai criando instrumentos inexistentes anteriormente, desenvolve técnicas sem precedentes a partir da instrumentalização dos objetos já existentes ao seu redor, porém só transformados em instrumentos quando a ideação em surgimento os utiliza ponderos ao serviço de finalidades, que começam, então a ser percebidas na idéia de ação intentada. A cultura é uma manifestação histórica do processo de hominização e por isso se desenvolve coetaneamente com este último, até os graus superiores, em que o caráter de “humano” se apresenta como um conteúdo de valor ético. (VIEIRA PINTO, 1979, p. 121-138).

6 Barbárie, de barbarismo, bárbaro, quer dizer: selvagem, cruel, rude, inculto, desumano, tirano (HOLANDA FERREIRA, 1999, p. 269)

E  
C  
C  
O  
S  
—  
R  
E  
V  
I  
S  
T  
A  
C  
I  
E  
N  
T  
Í  
F  
I  
C  
A

<sup>7</sup> Por formação científica entende-se aquela que se dá pela via da ciência como força motriz, potencial e libertadora capaz de aumentar o poder do homem sobre a natureza e sobre seu próprio destino.

<sup>8</sup> Para Santos(1991) O conhecimento emancipação enquanto ética assenta na solidariedade concebida como criação incessante de subjetividade e de intersubjetividade. A ética liberal da modernidade é um ética antropocêntrica, individualista, baseada na identificação fácil do seu eu e somente eu. Confinada ao espaço contíguo e ao tempo imediato, a ética liberal opera por seqüências lineares: um autor, uma ação, uma consequência. Desta forma esta ética se transformou, no nosso tempo, numa estratégia de desarme na medida em que nos enche de critérios para atos miúdos e nos incapacita para avaliar os grandes atos que decorrem da enorme capacidade de ação tornada possível pela tecnologia.

intelectualmente e ricos de caráter. Tal intento conduz a pensarmos na via da produção e da gestão do conhecimento com “base em ações vitais, de coordenação e de ordem intelectual e moral”, comprometida com os valores humanos perenes que incluem toda a humanidade e, aos quais, toda a humanidade tem direito.

Este trabalho analisa a gestão do conhecimento, sua compreensão na perspectiva empresarial e suas consequências salientando e importância da compreensão de gestão do conhecimento na perspectiva educacional e democrática comprometida com a promoção humana. Salienta a importância da pesquisa educacional comprometida com “a formação de seres humanos fortes intelectualmente, ajustados emocionalmente, capazes tecnicamente e ricos de caráter” (FERREIRA, 2006a, p. 113), quer na pós-graduação em educação *strito sensu*, quer outro grau de escolaridade sempre, comprometido com a formação científica<sup>7</sup> dos educandos.

## 2 Gestão do conhecimento: sua importância para o conhecimento solidário

O conhecimento regulado pelo capital tem conduzindo a sociedade mundial e a humanidade, produzindo a divisão do mundo em dois mundos, polarizando-os no mundo dos possuidores e no mundo dos possuídos. Evidencia, por isso, a necessidade da produção de um conhecimento emancipador que alicerce a construção de uma outra ética que não a ética liberal<sup>8</sup>, rumo à construção de uma sociedade não discricionária, justa e igualitária. Nesse sentido e com esse compromisso surge a necessidade da gestão do conhecimento.

O conhecimento científico é no mundo hodierno a forma privilegiada de conhecimento e a sua importância para a vida de todas as sociedades contemporâneas é inconteste. Na medida de suas possibilidades,

todos os países se dedicam à promoção da ciência, esperando benefícios dos investimentos nela.

O caráter discricionário da distribuição desigual dos bens gerados pela produção da cultura, é prerrogativa da hegemonia capitalista que usufrui de todos os bens culturais produzidos pelos que não têm acesso a eles, o que nos conduz, novamente a imperiosa urgência da gestão do conhecimento comprometida com a democratização de oportunidades de acesso ao conhecimento no que concerne a sua aquisição e produção.

Sabe-se que só existe conhecimento em sociedade e quanto maior for o seu reconhecimento, maior será a sua capacidade de conformar a sociedade para conferir inteligibilidade ao seu presente, ao seu passado e ao seu futuro. Mas, sabe-se, também, que o conhecimento em suas múltiplas formas não está equitativamente distribuído na sociedade e tende a estar tanto menos, quanto maior é o seu privilégio epistemológico. E, privilégio é uma palavra que não se coaduna com democratização, solidariedade, equidade. A tentativa de superar o privilégio e a excludência, pode se dar através da gestão do conhecimento comprometida com a democratização do conhecimento, do ensino, da educação e da pesquisa rumo à transformação da sociedade.

Define-se gestão do conhecimento como tomada de decisões, organização, e desenvolvimento do pensamento racional que reflete fidedignamente o movimento real das transformações que se passam no exterior, físico e social com todas as suas contradições, a fim de produzir um conhecimento que se opera no movimento do pensamento e que se expressará em um produto comprometido com finalidades.

Desta forma compreendida, a gestão do conhecimento trabalhará as contradições como dados do mundo real transferidos para o pensamento e aceitos por este como um fato, de tal frequência e magnitude, que determinará um sistema original de lógica que o acolhe e o utiliza e, por isso, se torna capaz de refletir intelectualmente de modo mais exato a realidade<sup>9</sup>. “O conhecimento é, e não pode ser mais do que conhecimento das coisas, do mundo

A R T I G O S

9 A lógica formal ao excluir as contradições como um equívoco do pensamento, a ser repelido a todo o custo, condena-se a ser a lógica de superfície da realidade, da imobilidade das coisas, da intemporalidade dos fenômenos, permitindo um conhecimento acrítico e ahistórico que serve a qualquer propósito.

E  
C  
C  
O  
S  
—  
R  
E  
V  
I  
S  
T  
A  
C  
I  
E  
N  
T  
Í  
F  
I  
C  
A

<sup>10</sup> “Cedo ou tarde você vai precisar gerenciar conteúdos”, e “para isto temos estratégias empresariais adequadas”. Estas, são algumas das expressões utilizadas e veiculadas “seduzindo” empresários ou incautos à cursos ou contratação de serviços.

<sup>11</sup> A Sociedade Brasileira de Gestão do Conhecimento – SBGC – é uma ONG que busca promover o intercâmbio de informações entre profissionais e Empresas na área de Gestão do Conhecimento, contribuindo para o desenvolvimento desse mercado no Brasil. Ela contribui para o compartilhamento de conceitos, métodos e técnicas que promovam a socialização do conhecimento, visando o aumento da efetividade das organizações, a competitividade do país e a qualidade de vida das Pessoas.

<sup>12</sup> A ABRAIC já completou 10 anos de existência no Brasil.

<sup>13</sup> A Sociedade Brasileira de Gestão do Conhecimento – SBGC realiza eventos anuais – KM Brasil. O KM Brasil é considerado o maior evento de Gestão do Conhecimento da América Latina, que concilia no mesmo ambiente as áreas acadêmica, privada e Governamental. Em 2007, o KM Brasil teve como tema principal o “Crescimento Econômico Sustentável: O Papel da Gestão do Conhecimento”, quando foi discutido as práticas relacionadas à informação e ao conhecimento e acesso às novas tecnologias de informações e aos principais processos de gestão empresarial.

real. Estas, as coisas, o mundo real é que se constituem o problema real a ser enfrentado”, como afirma Ortega Y Gasset (1984, p. 182).

Uma característica marcante do conhecimento científico consiste na consciência do movimento ininterrupto entre a fase indutiva e a dedutiva como modo de compreensão da unidade necessária da representação subjetiva que se processa no pensamento – a teoria – e da capacidade da ação prática – o trabalho. Trata-se da unidade dos contrários que permite a captação e a compreensão da totalidade do fenômeno a ser investigado.

Ciência e consciência social tornam-se, portanto, indissociáveis sem a qual não acontece a democratização do saber e da possibilidade do conhecimento. Partindo da concepção de ciência como forma específica de consciência social, pode-se afirmar que a sistematização do conhecimento realizada na ciência é a forma superior de síntese, porque produz a verdade objetiva mais plena, concreta e profunda.

Mas a gestão do conhecimento pode ser compreendida através de outra concepção de ciência, a que dá sustentação à administração de empresas que visa a produção de mercadorias e não a formação humana. Por isto necessita ser examinada.

Nesta nova ordem capitalista, com todo o “suporte tecnológico de ponta”, junto com a “oferta de bens de consumo”, as novas formas de gerir a “produção da existência” das pessoas se apresenta de acordo com o modelo de ciência que dá suporte a este modo de produção e propõe a chamada “gestão do conhecimento”.

Trata-se de mais uma oferta/estratégia<sup>10</sup> de marketing visando não a superação desta realidade nua e crua, mas um tangenciamento que garanta o seu *status quo*. Nesta perspectiva da Inteligência Competitiva, destaca-se a Sociedade Brasileira de Gestão do Conhecimento – SBGC<sup>11</sup> e a Associação Brasileira dos Analistas de Inteligência Competitiva – ABRAIC<sup>12</sup> que realizam anualmente o KM<sup>13</sup>.

Para os teóricos da administração de empresa existem “definições pré-  
vias importantes”, baseadas na premissa: “Conhecimento sempre foi usado  
como fonte de vantagem competitiva” (FOOTE, N. da McKinsey<sup>14</sup>, 2005). Para este modelo de ciência e seus seguidores – os empresários – a gestão  
do conhecimento significa: organizar e sistematizar, em todos os pontos de  
contato internos e externos, a capacidade da empresa de captar, gerar, criar,  
analisar, traduzir, transformar, modelar, armazenar, disseminar, implantar e  
gerenciar a informação, tanto interna como externa bem como transformar  
essa informação, efetivamente em conhecimento a ser distribuído, tornando-  
se acessível aos interessados para aumentar a produtividade e a competitivida-  
de visando a qualidade total (DRUKER, 1994; HAMEL, 1995; SVEIBY,  
1998, FIGUEIREDO, 2005). Desta forma, a “gestão do conhecimento é o  
caminho para que as organizações resgatem seu saber e aprendam a explorá-lo  
para gerar mais valor para si e para seus parceiros e garantir o crescimento e o  
sucesso empresarial” (SVEIBY, 1998).

Esta concepção de Gestão do conhecimento visa a Qualidade Total, entendida como “o estado ótimo de eficiência e eficácia na ação de todos os elementos que constituem a existência da Empresa”, que prioriza a necessida-  
de de modelar sua organização e o contexto no qual ela existe, o que assa a ser  
denominado Modelo Referencial para Gestão da Qualidade Total<sup>15</sup>.

Constata-se, assim, as categorias que perpassam esta concepção: cliente, eficiência e eficácia, vendas, maior produtividade, lucro, flexibilidade. Características da administração de empresas constituem-se como necessária à produção de mercadorias. A categoria produtividade – aqui entendida como “maximização de produção com minimização de custos”, a categoria de princípio na lógica empresarial – invadiu o domínio acadêmico e educacional como um todo, desenvolvendo uma necessidade de produção jamais vista na história da educação brasileira.

Para os empresários, na chamada “Sociedade do Conhecimento”, as mudanças e as inovações tecnológicas ocorrem num ritmo tão acelerado, que

<sup>14</sup> Com 84 escritórios em 45 países, a McKinsey & Company desenvolve a gestão do conhecimento dando consultoria de negócios para empresas e instituições educacionais.

<sup>15</sup> O termo Qualidade Total representa a busca da satisfação, não só do cliente, mas de todos os “stakeholders” (entidades significativas na existência da empresa) e também da excelência organizacional da empresa. Inicialmente associado à definição de conformidade às especificações, posteriormente o conceito evoluiu para a visão de Satisfação do Cliente. Obviamente a satisfação do cliente não é resultado apenas e tão somente do grau de conformidade com as especificações técnicas, mas também de fatores como prazo e pontualidade de entrega, condições de pagamento, atendimento pré e pós-venda, flexibilidade, etc... Paralelamente a esta evolução do conceito de Qualidade, surgiu a visão de que o mesmo era fundamental no posicionamento estratégico da empresa perante o Mercado. Pouco tempo depois percebeu-se que o planejamento estratégico da empresa enfatizando a Qualidade não era suficiente para seu sucesso. O conceito de satisfação do cliente foi então estendido para outras entidades envolvidas com as atividades da Empresa (SVEIBY, 1998, p 93-95).

além dos fatores tradicionais de produção, como capital, terra e trabalho, é fundamental identificar e gerir inteligentemente o conhecimento das pessoas nas organizações para melhor lucratividade.

Em contraponto, acredita-se que esta nova era pressupõe uma imensa oportunidade de disseminar democraticamente as informações, utilizá-las para gerar conhecimento que nos leve em direção a uma sociedade mais justa. Pressupõe continuarmos estudando ininterruptamente para a produção de um conhecimento emancipador enquanto ética que se assenta na solidariedade concebida como criação incessante de subjetividade e de intersubjetividade.

A ética liberal da modernidade é um ética antropocêntrica, individualista, baseada na identificação fácil e conveniente do seu eu e somente “eu”. Confinada ao espaço contíguo e ao tempo imediato, a ética liberal opera por seqüências lineares: um autor, uma ação, uma consequência. Desta forma esta ética se transformou, no nosso tempo, numa estratégia de desarme na medida em que nos enche de critérios para atos miúdos e nos incapacita para avaliar os grandes atos que decorrem da enorme capacidade de ação tornada possível pela tecnologia.

Sabe-se, como já foi explicitado em outro lugar, que gestão é tomada de decisão, organização, direção. Constitui-se de princípios e práticas decorrentes que afirmam ou desafirmam os princípios que as geram. Do verbo latino *gero, gessi, gestum, gerere* significa, ainda: levar sobre si, carregar, chamar a si, executar, exercer, gerar. Trata-se de algo que implica o sujeito, como pode ser visto em um dos substantivos derivados deste verbo. Trata-se de *gestatio* ou seja gestação, isto é o ato pelo qual se traz em si e dentro de si algo novo diferente: um novo ente. Da mesma raiz provêm os termos *genitora, genitor, germen*. A gestão, nesse sentido, é por analogia, uma geração similar àquela pela qual a mulher se faz mãe ao dar a luz a uma pessoa humana (FERREIRA, 2006b). Nos dizeres de Cury (2002, p. 165):

A gestão significa, pois, “gerar” e “gestar” a produção do conhecimento comprometido ou com os princípios empresariais acima apontados ou com-

E  
C  
C  
O  
S  
—  
R  
E  
V  
I  
S  
T  
A  
C  
I  
E  
N  
T  
Í  
F  
I  
C  
A

prometida com os princípios aludidos na Constituição Brasileira e na Carta Magna da Educação.

A gestão do conhecimento como tomada de decisões, organização, e desenvolvimento do pensamento racional que reflete fidedignamente o movimento real das transformações que se passam no exterior, físico e social com todas as suas contradições, pode dialeticamente gerir e gestar a produção do conhecimento a partir de compromissos democráticos que são solidários. Assim, a gestão do conhecimento ao controlar a qualidade social dessa produção, em oposição à qualidade total, descricionária, porque exclusiva e excludente, possibilita a excelência da produção do conhecimento que se opera no movimento do pensamento e se concretiza na prática social global, num produto comprometido com finalidades.

Desta forma, a dialética incorpora aquilo a que hoje se chama teoria do conhecimento, que deve considerar seu objeto de modo igualmente histórico, estudando e generalizando o desenvolvimento do conhecimento, a transformação do desconhecimento em conhecimento. Uma vez apreendidas, as leis do mundo objetivo se convertem em leis do pensamento, e todas as leis do pensamento são leis representadas do mundo objetivo.

Desvela-se, assim a práxis que é ação do homem sobre a matéria e criação – através dela – de uma nova realidade humanizada (VAZQUEZ, 1977, p. 245)

A concepção dialética da história parte do reconhecimento de que a verdade objetiva é um processo de movimento do pensamento. A coincidência do pensamento com o objeto é um processo: o pensamento (o homem) não deve conceber a verdade sob a forma de verdade morta, sob a forma de um simples quadro (imagem), pálido (turvo), sem empenho, sem movimento, exatamente como um gênio, exatamente como um número, exatamente como um pensamento abstrato. [...] O pensamento é o reflexo da realidade sob a

E  
C  
C  
O  
S  
—  
R  
E  
V  
I  
S  
T  
A  
  
C  
I  
E  
N  
T  
Í  
F  
I  
C  
A

forma de abstrações. O pensamento é um modo de conhecimento da realidade objetiva pelo homem. Por isso o que é característico do conhecimento em geral também é próprio do pensamento. (KOPNIN, 1978 p. 121.)

A gestão do conhecimento como tomada de decisões, organização e direção vai gestar um novo saber, como reflexo da realidade alicerçado em outra ética. O princípio da responsabilidade a ser instituído não pode assentar em seqüências lineares, pois vivemos numa época em que é cada vez mais difícil determinar quem são os agentes, quais são as ações e quais as consequências. Assentar-se-á no cuidado que nos põe no centro de tudo o que acontece e que nos faz responsáveis pelo outro que pode ser um ser humano, um grupo social, um objeto, um patrimônio, a natureza, o outro que pode ser nosso contemporâneo, mas que será cada vez mais um outro, futuro, cuja possibilidade de existência temos de garantir no presente, nos responsabilizarmos e nos compromissarmos.

Necessitamos de uma nova ética que não seja antropocêntrica nem individualista que busca a responsabilidade por consequências imediatas. É uma responsabilidade com o hoje pelo futuro, um futuro que tem que ser garantido contra o utopismo automático da tecnologia e que por isso tem de ser pensado fora da idéia do progresso. Tem de ser pensado no interior de um novo paradigma social, o paradigma da sobrevivência alargada, que se realiza no exercício da solidariedade alargada. Esta ética não é fácil de construir porque é contra-hegemônica e tem o futuro como horizonte. Se a representação do futuro é difícil, ainda mais difícil é a representação da responsabilidade por uma representação. Todavia o esforço tem que ser feito e os compromissos assumidos, se não quisermos deixar aprofundar de maneira cada vez mais avassaladora, o caos já existente A responsabilidade fundamental está em criar a possibilidade de haver responsabilidade, criar possibilidade de compreensões que possibilitem assumir compromissos.

Mais do que nunca se percebe a importância do conhecimento enquanto mote propulsor da emancipação humana e a importância da gestão do conhecimento nas instituições e na sociedade.

O conteúdo da nova ética que a gestão do conhecimento vai garantir, reside em pressupor uma responsabilidade coletiva e em nos tornar coletivamente responsáveis por algo que nem sequer podemos prever. Reside, ainda no fato de pôr termo à reciprocidade da ética liberal individualista, ou seja à idéia de que só é possível conceder direitos a quem tem deveres.

A gestão do conhecimento garantirá a qualidade social da produção de um novo saber que será também uma nova política que norteará esta produção. Se a nova ética se assenta na solidariedade e na nova responsabilidade, a nova política se assenta na participação. Entende-se que todo o problema técnico é um problema político e todo problema político é um problema de relações de poder. A participação individual e coletiva tem, como campo de atuação, o campo global das relações de poder. Trata-se de um campo relativamente estruturado e internamente muito diferenciado, coexistindo nele diferentes tipos de relações de poder.

O paradigma da modernidade, ao restringir a prática política ao espaço de cidadania, procurando aí democratizar relativamente às relações de poder, permitiu que nos demais espaços sociais estruturais as relações de poder continuassem a ser despóticas e até se tornassem mais despóticas e desarmou a participação democratizante nesses espaços com o fundamento ideológico de não serem espaços de prática política.

A participação política abrange, de modos diferentes, todos os espaços de prática social e o seu princípio é o da democracia sem fim. Assim como a solidariedade é um processo de subjetivação e da intersubjetivação, a participação é um processo de democratização emancipatória na conquista incessante de espaços novos e de formas novas de cidadania individual e coletiva. É, enfim, uma maneira humana e prudente de estar num mundo atento e disposto, de forma responsável e comprometida.

A educação, a produção do conhecimento e da cultura existem para a qualidade da vida humana e não para apropriação do capital, que de posse do seu produto, só disponibiliza esta qualidade de vida através da venda de sua possibilidades. Neste embate, a qualidade total, que fundamenta-se na organização capitalista do sistema de produção, cria formas de “participação no trabalho coletivo” para garantir o aumento da produtividade, competitividade e lucratividade, formando sujeitos “deformados” de sua verdadeira condição humana.

### 3 Concluindo... para um debate superador

Pode-se afirmar que a pesquisa científica é o momento culminante, de um processo de extrema amplitude e complexidade pelo qual o homem realiza sua suprema possibilidade existencial, aquela que dá conteúdo à sua existência de animal que conquistou a racionalidade: a possibilidade de dominar a natureza, transformá-la, adaptá-la às suas necessidades. Esse processo chama-se conhecimento

A gestão do conhecimento necessita garantir na produção do conhecimento a crítica impiedosa de tudo o que existe numa visão humanista de construção de um futuro melhor, de um futuro realmente humano para toda a humanidade, que constitua-se numa força inspiradora de da ação transformadora das circunstâncias que obstaculizam a verdadeira realização humana.

Acredito que ação alguma possa criar uma sociedade realmente humana a menos que seja inspirada e dirigida por valores perenes, pela filosofia entendida como um estudo crítico do homem e do mundo em que vivemos, uma comunidade social realmente humana.

É impossível se discutir a questão e o compromisso de construir uma sociedade melhor, se não se partir de uma conceito de homem; e é impos-

sível debater o conceito de homem sem discutir o significado da existência, a questão do tempo e das suas dimensões. A menos que destruamos o conceito tradicional de tempo como algo que é determinado pelo passado, a menos que elaboremos um novo conceito de tempo que começa no futuro e a menos que encaremos de maneira nova a relação entre a possibilidade e a realidade, não avançaremos na produção do conhecimento sobre a realização humana, a ética, a estética, a filosofia social e política, pois se quisermos responder às questões da existência em geral, não podemos ignorar a existência do homem, que não é, apenas, um modo específico de ser, mas o modo mais elevado de ser. E ao discutir o homem, não se pode ignorar as condições sociais em que ele vive. Ao salientarmos a necessidade da “crítica impiedosa de tudo”<sup>16</sup>, falo da concepção de homem e da força inspiradora do conhecimento e de sua produção.

O termo crítica se origina de *Krinein* que significa “julgar”, significa analisar uma situação para chegar ao seu âmago, à sua essência, descobrir suas limitações e suas possibilidades para seu maior desenvolvimento. Portanto a crítica contém em si mesmo um elemento “destrutivo” e um elemento “construtivo. O primeiro necessário ao segundo que vai se constituir na construção, na produção propriamente dita de uma nova realidade melhor do que a já existente e que não poderá ser construída sem este processo de pesquisa do real concreto.

Falo de respeito por toda pessoa humana o que significa dar a todos a possibilidade de desenvolver sua potencialidades humanas. O homem é, em essência, um ser de práxis livre e criador, e só em pequena escala tem sido na sociedade alienada e cada vez mais alienante, mas pode e deverá vir a sê-lo numa sociedade realmente humana que através da pesquisa e da produção do conhecimento comprometido com as necessidades sociais.

Concluindo, relato um fato muito significativo para esta reflexão sobre a gestão do conhecimento na concepção humanizadora: Convidado a realizar uma conferência em Londres, em 1967, Herbert Marcuse ao entrar no recinto,

<sup>16</sup> Dizer “não” a tudo é um conceito vulgar de crítica. É uma forma mecânica, desarticulada, degradada de pensamento.

<sup>17</sup> Maria Aparecida Dellingshausen Motta com sabedoria e sensibilidade nos fala de em seu livro *Rosas do Tempo*, deste poder humano de apreciar, sentir, viver, construir, destruir, significar o existente. Começa por reproduzir os excertos, que seguem, das Cartas do Cárcere de Antônio Gramsci que revelam este poder de sentir e cultivar interpretações, sentimentos, idéias sobre as rosas: “23 de abril de 1929: ‘A rosa tomou uma terrível insolâção: todas as flores e as partes mais tenras se queimaram e carbonizaram; tem um aspecto desolado e triste(...). Não morreu, ao menos até agora’. 10 de junho de 1929: ‘Sabe, a rosa reviveu completamente. Desde o dia 13 até 15 de junho, de repente, começou a germinar brotos e depois, folhas, até que se tornou completamente verde’. E, então escreve: “o prisioneiro implorou pelas rosas!... As rosas, as rosas e os cadernos amarram-se ao único fio – a consciência – sob a pesada sobra da inclemente e fria condenação ao cárcere. A liberdade vem ao final de seus dias, a asa do tempo pouco se estende; o segredo dos cadernos abriu-se ao mundo. E só as rosas do cárcere rosas tão suas!) Permanecem etéreas E guardam em silêncio a alma de Gramsci. (MOTTA, 2007, contracapa)

percebeu-o todo enfeitado de flores, muitas rosas, lindas e perfumadas e de pronto se manifestou estar muito contente por ver tantas flores<sup>17</sup>, mas nesse sentido alertou: “desejo lembra-lhes de que as flores em si não têm poder algum senão o poder dos homens e mulheres que as protegem e cuidam delas contra a agressão e a destruição”, o poder humano de cultivar ou excluir, de sentir, apreciar ou depreciar, ignorar. Alertemo-nos do poder que só os humanos têm de construir ou destruir, de sentir, de agir e de trabalhar para que os homens, um dia, cheguem a esquecer o próprio nome de ódio, para que haja sempre mais, e de verdade, e em profundidade, acordo, concórdia, encontro, sintonização, harmonia e paz.

Esta reflexão conduz a um outro questionamento: como os pesquisadores, os professores podem avançar pela trilha de uma compreensão histórica do conhecimento sem dissolvê-lo no fluxo das transformações que tudo envolve e, ao mesmo tempo, sem ceder à tentação de procurar subordinar a historicidade concreta a um conhecimento superior pretensamente capaz de explicá-la?

O acima exposto se alicerça na “vasta” produção que se faz hoje, conforme os “ditames” das “hegemônicas” “leis da produtividade”. Estas questões que inquietam minha mente e meu coração, conduziram-me a ousar afirmar a necessidade de se retomar a única, distintiva e fundamental forma de relação humana que caracteriza a construção e a possibilidade de reconstrução da sociedade humana: o *DIÁLOGO!!!!!!* A necessidade do *diálogo*, como único caminho em todas as suas possíveis e inúmeras formas. O *diálogo*, entendido como “o reconhecimento da infinita diversidade do real que se desdobra numa disposição generosa de cada pessoa para tentar incorporar ao movimento do pensamento algo da inesgotável experiência da consciência dos *outros*” O diálogo que exige disposição generosa de cada pessoa!!!!!!! Diálogo que exige generosidade!!!!!! Diálogo que exige despir-se de vaidades e prepotências, tão comuns na sociedade em geral, nas instituições, na academia, hoje, inserida e minada por um mundo cada vez mais individualista e competitivo.

E  
C  
C  
O  
S  
—  
R  
E  
V  
I  
S  
T  
A  
C  
I  
E  
N  
T  
Í  
F  
I  
C  
A

Estou convicta de que o *diálogo*, assim entendido, constitui-se no rico caminho para a efetiva participação ativa que possibilita construções coletivas de novas decisões, novos rumos, projetos, políticas, nova gestão do conhecimento emancipador. O *diálogo*, como fecunda forma de comunicação, de interlocução é uma das poucas e fortes convicções que tenho, pois é um rico instrumento que só os seres humanos possuem e sequer sabem utilizá-lo, além de nem se darem conta de que o possuem.

O *diálogo* é o grande e precioso instrumento tão pouco aprendido, ainda, por todos nós, na convivência em geral, na família, na escola, em todos os lugares, no mundo e, principalmente, nas escolas, na academia. O **diálogo** que só se realiza com **respeito e bondade** que propiciam a **generosidade**.

#### KNOWLEDGE MANAGEMENT IN THE CURRENT CONTEXT: FROM THE “PRODUCTIVISM” TO THE TRAINING HUMANIZATION

This paper analyzes the knowledge management, its understanding from a business perspective and its consequences. It stresses the importance of the knowledge management understanding from an educational and democratic perspective committed to human development. It stresses the importance of educational research committed to the training of human beings who are intellectually strong, emotionally adjusted, technically capable, and rich in character. This should occur either in post-graduate education strito sensu or another level of education, always committed to the scientific education of students. Capital-governed knowledge has been leading global society and humanity, splitting the world in two, polarizing them in the world of those who possess and the world of the possessed. It shows, therefore, the need for the production of an emancipatory knowledge which supports the building of a different ethics than the liberal one towards the founding of a non-discretionary, equitable

and just society. In this sense and with that commitment comes the need for knowledge management which, dialectically, can manage and conceive the production of knowledge from democratic commitments that are supportive.

**KEY WORDS:** Knowledge management. Training. Humanization. Educational research.

## Referências

E  
C  
C  
O  
S  
  
—  
  
R  
E  
V  
I  
S  
T  
A  
  
C  
I  
E  
N  
T  
Í  
F  
I  
C  
A

- BACHELARD, G. *A formação do espírito científico*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.
- BILAC, O. *Poesias*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977.
- BRASIL. *Constituição da República Federativa do Brasil*: promulgada em 05 de outubro de 1988. Dado Paulo: Editora Saraiva, 2006.
- BRASIL. “Lei n º, 9.394 de 20.12.96. Estabelece as diretrizes e Bases da Educação Nacional” In: *Diário Oficial da União*, Ano CXXXIV, n º 248, de 23.12.96, pp. 27.833-27.841.
- CÂMARA, H. *Família, Missão de Amor*. Recife: Instituto D. Helder Câmara, 1988.
- CHEPTULIN, A. *A dialética materialista: categorias e leis da dialética*. São Paulo: Ed. Alfa-Ômega, 1982.
- DRUKER, P. *Sociedade pós-capitalista*. São Paulo: Pioneira, 1994.
- EINSTEIN, A. *Comment je vois le monde*. Paris: Editions EAP, 1979.
- FERREIRA, N. S. C. Poderemos trabalhar juntos na sociedade mundializada?: desafios para os educadores. In; PORTO, T. E. *Redes em construção: meios de comunicação e práticas educativas*. Araraquara/SP: Editora JM, 2003.
- \_\_\_\_\_. “Gestão Democrática da Educação para uma formação humana: conceitos e possibilidades”. In: *Em Aberto*. Brasília, v. 17, n º 72. Fev/jun.2000.

\_\_\_\_\_. “A gestão da educação e as políticas de formação de profissionais da educação: desafios e compromissos” In: FERREIRA, N. S. C. (org). *Gestão democrática da Educação: atuais tendências, novos desafios*. 5<sup>a</sup> ed. São Paulo: Cortez Editora, 2006a.

\_\_\_\_\_. “Gestão democrática da educação: ressignificando conceitos e possibilidades”. In: FERREIRA, N. S. C. & AGUIAR, M. A. *Gestão da Educação: impasses, perspectivas e compromissos*. (org). 6<sup>a</sup> ed. São Paulo: Cortez Editora, 2008.

\_\_\_\_\_. “Formação continuada e gestão da educação no contexto da cultura globalizada”. In: FERREIRA, N. S. C. *Formação continuada e gestão da educação*. (org). 2<sup>a</sup> ed. São Paulo: Cortez Editora, 2006b.

\_\_\_\_\_. Gestão democrática na formação do profissional da educação: a imprescindibilidade de uma concepção. In: FERREIRA, N. S. C. (org) *Políticas públicas e gestão da educação: polêmicas, fundamentos e análises*. Brasília: Líber Livro Editora, 2006a.

\_\_\_\_\_. Supervisão Educacional no Brasil: trajetória de compromissos no domínio das políticas públicas e da administração da educação. In: FERREIRA, N. S. C. (Org) *Supervisão Educacional para uma escola de qualidade*. 7<sup>a</sup> ed. São Paulo: Cortez Ed. 2008.

GRAMSCI, A. *Concepção Dialética da História*. 4<sup>a</sup> ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1981.

HAMEL, G. & PRAHALAD, C.K. *Competindo pelo futuro*. Rio de Janeiro: Campus Ed. 1995.

HELLER, A. *Além da justiça*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998.

HOLANDA FERREIRA, A. B. *Novo dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*. Tio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

IANNI, O. ”O cidadão do mundo” In: LOMBARDI, J.; SAVIANI, D. & SANFELICE, J. *Capitalismo, trabalho e educação*. Campinas/SP: Editora Autores Associados, HISTEDBR, 2002.

KOPNIN, P. V. *A Dialética como lógica e teoria do conhecimento*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

LASTRES, H., ALBAGLI, S., et alii. *Informação e Globalização na Era do Conhecimento*, Rio de Janeiro, Campus, 1999.

*EcoS – Rev. Cient.*, São Paulo, v. 11, n. 2, p. 529-548, jul./dez. 2009.

MARX, K. *Contribuição à crítica da economia política.* 2<sup>a</sup> ed. São Paulo: Martins Fontes, 1983.

MATTÉI, J.F. *A Barbárie interior: ensaio sobre o i-mundo moderno.* São Paulo: Editora UNESP, 2002.

MOTTA, M. A. D. *Rosas do Tempo.* Campinas: Autores Associados, 2007.

ORTEGA Y GASSET, J. *¿Que es conocimiento?* Madrid: Alianza Editorial, S. A., 1984.

SCHAFF, A. *A Sociedade Informática.* São Paulo: Ed. UNESP/Brasiliense, 1990

SVEIBY, K. E. *A nova riqueza das organizações: Gerenciando e avaliando patrimônios de conhecimento.* Rio de Janeiro, Campus, 1998.

VAZQUEZ, A.S. *Filosofia da práxis.* 2<sup>o</sup> ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979

VIEIRA PINTO, A. *Ciência e Existência. Problemas filosóficos da pesquisa científica.* 2<sup>a</sup> ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

E  
C  
C  
O  
S  
  
—  
R  
E  
V  
I  
S  
T  
A

C  
I  
E  
N  
T  
Í  
F  
I  
C  
A

Recebido em 09 abr. 2009 / aprovado em 21 dez. 2009

**Para referenciar este texto**

FERREIRA, N. S. C. A gestão do conhecimento no contexto hodierno: do “produtivismo” à humanização da formação. *EccoS*, São Paulo, v. 11, n. 2, p. 529-548, jul./dez. 2009.